

FRAGMENTOS

Renata Soltanovitch

São Paulo
agosto/2026
3º edição

Nota da autora

Este conto foi originalmente escrito em junho de 2020, sob o título **“Limando cadáveres”**, e publicado em uma plataforma exclusiva para leitores assinantes.

Nesta edição, o título ganhou um upgrade. E, para não dizer que não penso em você, deixei disponível gratuitamente no meu site.

Boa leitura!

Renata Soltanovitch

@renatasoltanovitch

Fragmentos

Em uma madrugada gelada, a delegada Deborah é chamada para investigar um crime que parece comum — até que o horror se revela dentro de um sobrado à beira do cemitério. Entre corpos, segredos e silêncios, o destino da delegada se cruza com o de Antonio, o homem que limpa cadáveres.

Mas nada é o que parece. Cada personagem guarda um pedaço de verdade, um fragmento de dor, um eco de finitude.

Fragmentos é um mergulho nas sombras da alma humana — um conto policial que se transforma em reflexão sobre a vida, a morte e o que permanece entre elas.

E você, leitor, está pronto para encarar seus próprios fragmentos?

Fragmentos

Pensei bastante antes de escrever estas linhas, mas senti que caberia compartilhá-las aqui.

Quando chegar a minha hora, espero já estar bem velhinha — e que meus órgãos ainda possam servir a alguém, ou até mesmo que meu corpo seja útil para estudos em uma faculdade.

Confesso que a ideia de ser devorada por vermes sob a terra, ainda que após a morte, não me agrada. Por isso, prefiro que meu corpo ou meus órgãos sejam doados. Caso isso não seja possível, desejo que seja cremado e que minhas cinzas sejam lançadas ao mar, único lugar que sempre me transmitiu a sensação de liberdade.

Seja qual for o destino, gostaria que, na equipe responsável por recolher meu corpo e providenciar o necessário, estivesse presente a figura de Antônio — o homem que limpava cadáveres.

CAPÍTULO I

Naquela noite, sobre a mesa da delegada Deborah, repousava um caderno aparentemente comum. Ninguém poderia imaginar que aquelas páginas guardavam mais do que simples anotações — eram o prenúncio de um destino inesperado.

O que sua equipe de plantão jamais suspeitaria é que, poucas horas depois, Deborah encontraria uma morte tão absurda quanto surpreendente.

Se você aprecia contos curtos, cheios de suspense e perfeitos para ler no celular, prepare-se: está no lugar certo.

CAPÍTULO II

Já passava das três da madrugada. O frio cortante dominava o ambiente, e, apesar do vento que fazia tremer as janelas mal vedadas — há muito tempo aguardando reparos da Secretaria da Segurança Pública —, a delegacia permanecia em silêncio.

O marceneiro do bairro, o Sr. Oswaldo, havia tentado ajustar algumas dessas janelas. Teve sucesso em algumas, fracassou em outras. Ainda assim, fez o melhor que pôde e não cobrou nada, consciente dos riscos que os policiais enfrentavam diariamente para proteger a comunidade.

Certa vez, advertiu o delegado titular:

— Doutor, fique atento com essas janelas. Se não estourarem numa rajada de vento, qualquer mal-intencionado pode entrar aqui sem esforço.

— Sr. Oswaldo, se vagabundo entrar, não terá tempo nem de dizer o nome. Mas, por favor, faça o que for possível. Já enviei ofício à Secretaria pedindo a troca, mas parece que só lembram da polícia quando acontece uma tragédia.

— Tô sabendo, Doutor. Vi no noticiário... a corda sempre arrebenta pro lado da polícia.

— Nem me fale, meu amigo.

Naquela madrugada gelada, até o B.O., o cachorro mascote da delegacia, buscava abrigo sob a mesa do escrivão Adailton, tentando se aquecer.

De repente, uma mulher ensanguentada quase arrebentou a porta da delegacia, trancada por precaução. Por mais armados que estivessem, nenhum agente ali era ingênuo a ponto de descuidar da segurança.

Os olhares se cruzaram. A delegada Deborah, que estava em sua sala relatando um inquérito complexo envolvendo a tentativa de homicídio de um colega da academia de polícia, levantou-se assustada. Com a arma em punho, aproximou-se da porta.

— Socorro! — gritava a mulher do lado de fora. — Abram esta porta, preciso de ajuda! — insistia, esmurrando com força, desesperada para entrar.

O experiente escrivão Adailton pediu que ela se afastasse, cauteloso, tentando compreender a situação. Imediatamente, a investigadora Samantha, conhecida pela coragem, posicionou-se ao lado de Deborah. Juntas, escoltaram a abertura da porta.

— Senhora, por favor, dê um passo atrás para que eu possa abrir — ordenou Adailton.

A mulher obedeceu. A porta rangeu de forma macabra. No instante seguinte, ao encarar o escrivão, ela caiu de joelhos.

CAPÍTULO III

Samantha, sempre desconfiada, manteve a arma em punho. Gritou para Bia:

— Bia, liga pro SAMU. Diz que é da delegacia e que precisamos urgente. Se o Jorge estiver lá, pede direto pra ele.

Aproximou-se da mulher, tentando entender.

— Senhora, consegue me dizer o que aconteceu? Quem te feriu?

— Me ajuda... — murmurou a moça. — O Rafael ainda está em casa. Os dois homens estão armados.

— Onde a senhora mora? — insistiu Samantha.

Quase sem voz, ela descreveu o endereço.

CAPÍTULO IV

As investigadoras Samantha e Bia, junto da delegada Deborah, entraram na viatura e partiram imediatamente para o endereço descrito pela moça. O motor ecoou na madrugada silenciosa, e o frio parecia ainda mais pesado no ar.

Na delegacia, ficaram apenas o escrivão Adailton e o fiel cachorro B.O., aguardando a chegada do SAMU. O escrivão tentava arrancar mais informações da mulher ensanguentada, que respirava com dificuldade.

Com voz fraca, quase um sussurro, ela conseguiu dizer:

— Policial... avise as moças... fiquem atentas... todos ali estão armados... Adailton se inclinou, tentando captar cada palavra.

— Entendi. Mas o que aconteceu lá? Consegue explicar?

A mulher tentou falar. Os lábios se moveram, mas a voz não saiu. O esforço foi o último.

Ali mesmo, aos pés do escrivão, ela tombou. O silêncio que se seguiu foi mais pesado que o frio da madrugada.

CAPÍTULO V

Burocracias à parte: em vez do SAMU, vieram os protocolos do IML — verificação de óbito, necropsia, liberação do corpo, localização da família.

Mas a madrugada não seria apenas burocrática. Seria caótica.

Ao chegarem ao endereço descrito pela vítima, já morta aos pés do escrivão Adailton, as policiais se depararam com algo além de uma cena de crime.

O sobrado, à primeira vista, poderia ser apenas uma casa antiga. Mas suas inúmeras janelas lembravam uma residência parisiense do século passado. De dia, encantador. À noite, um castelo mal-assombrado.

As grandes janelas de vidro fosco estavam quebradiças, algumas quase soltas. As sacadas do piso superior tinham grades tortas, outras faltando pedaços, como se o lugar tivesse sido abandonado à própria sorte.

Naquela madrugada gelada, o sobrado parecia respirar mistério.

Samantha, Bia e Deborah se posicionaram na porta da frente. Arma em punho. Cautela em cada passo. A porta estava entreaberta. Rastros de sangue marcavam o chão.

Um silêncio pesado dominava o ar. Até que, de repente, um gato preto disparou de dentro da casa. Saiu em um pinote, esbaforido... e sangrando.

As três se entreolharam. O clima ficou ainda mais denso.

Era melhor esperar reforço.

CAPÍTULO VI

— Tenente Neto se apresentando, senhora! — disse, firme, encarando a delegada Deborah. — A equipe está pronta para invadir o imóvel.

— Tenente, a investigadora Samantha já explicou a situação? — perguntou Deborah, sem desviar o olhar.

— Sim, senhora. Estamos prontos. Inclusive já capturamos o gato.

Deborah esboçou um sorriso malicioso. A frase do tenente despertara sua imaginação, mas não houve tempo para divagações.

Um estopim ecoou de dentro da casa. O som seco fez o chão vibrar. Instintivamente, todos se abaixaram atrás das viaturas, o coração acelerado, os olhos atentos ao sobrado sombrio.

O silêncio que se seguiu foi sufocante. Então, com voz firme e estratégica, o tenente bradou a ordem:

— Avançar!

Os policiais militares se lançaram para dentro do sobrado, como peças de um tabuleiro em movimento, prontos para enfrentar o desconhecido.

CAPÍTULO VII

A sala do sobrado era imensa. Bia calculou rapidamente: cerca de 150 metros de largura. O espaço aberto integrava uma cozinha moderna, elegante, perfeita para receber amigos.

“Seria um ótimo lugar para cozinhar”, pensou Deborah, não fosse o detalhe macabro: o sobrado tinha como fundo o cemitério da cidade.

Nada de tapetes. Apenas piso frio, que começava no hall e seguia até a cozinha. Mas agora, aquele chão estava coberto de sangue.

Todos pararam. O silêncio pesou.

O tenente Neto, respeitando a experiência da delegada, aguardou seu comando. Deborah apontou para o canto da cozinha:

— Tenente, olha isso...

Dois corpos sobrepostos, totalmente nus. Um deles, perfurado inúmeras vezes.

Deborah se abaixou para examinar. Foi nesse instante que um disparo seco atravessou a madrugada. O tiro atingiu sua nuca. O projétil viera do muro do cemitério, colado à casa.

O frio de julho retardava o amanhecer. Mas Neto conseguiu ver: um vulto saltava para dentro do cemitério.

— Bia, acuda a delegada! — ordenou Neto. — Chame a ambulância!

Virando-se para os demais, bradou:

— Sargento Vieira! Cabos Veros, Souza e Leite! Cerquem o cemitério e encontrem o atirador!

Sua voz ecoou como sentença:

— Quero esse vagabundo vivo... ou morto!

A ambulância chegou rápido, quase junto com a chuva que caiu após um trovão iluminar o céu, confundindo-se com o sol prestes a nascer. Mas já era tarde. Deborah estava morta.

CAPÍTULO VIII

Cercado e abatido, o assassino da delegada Deborah revelou-se ninguém menos que o escrivão Adailton. Aproveitando-se do caos no sobrado, ele havia planejado cada detalhe. Seu motivo era tão sombrio quanto inesperado: diagnosticado com câncer no pâncreas em estágio avançado, não aceitava atravessar para “o outro lado” sem levar consigo o amor de sua vida.

Amor este que Deborah jamais soube existir.

Se você, leitor, ficou curioso sobre o crime que levou a polícia até o sobrado, lamento dizer: tudo não passou de uma armação do próprio escrivão. Ele eliminou dois bandidos dentro da casa e também a moça ensanguentada que chegara à delegacia — cúmplice, e longe de ser inocente.

Com o caso encerrado, restava cumprir o último desejo da delegada Deborah. Em sua mesa, ao lado do inquérito sobre o colega da academia vítima de tentativa de homicídio, havia um bilhete.

Coube a Antônio, o homem que limpava cadáveres, a incumbência. Ele prepararia o corpo da delegada, após a retirada de seus órgãos para doação à faculdade de medicina. Depois, uma cerimônia na academia de polícia, onde Deborah lecionava. Por fim, a cremação e o lançamento de suas cinzas ao mar — seu segundo pedido, o mais íntimo, o mais libertador.

CAPÍTULO IX

Antonio recebeu o corpo já costurado. Olhou para a bela delegada — que conhecia de alguns plantões ao lado do perito Norberto e do delegado Paul — e lamentou sua morte. Sentiu, de alguma forma, a presença dela ao lado daquele corpo inerte.

— Delegada Deborah — disse com voz suave —, obrigado pela incumbência de ser o último a tocar seu corpo. Prometo cuidar bem do seu rosto, para manter sua jovialidade no velório.

Mal terminou de falar, ouviu um choro baixinho. Lágrimas escorriam pelo rosto de Deborah.

— Eu sei, querida — murmurou Antonio. — Parece o fim, mas é só o começo.

As lágrimas cessaram. Ele as enxugou e iniciou a necromaquiagem. Passou o melhor hidratante que tinha, preparando o rosto da delegada. Ela estava vestida com um tailleur Chanel preto, como sempre gostava, o distintivo da

polícia entre as mãos, junto ao rosário e ao crucifixo presenteado pelo Padre Aparecido no último domingo.

Com a delicadeza de um gentleman, Antonio começou a maquiagem. O tiro na nuca não havia desfigurado o rosto dela.

Nesse momento, o delegado Paul entrou na sala. O cachorro B.O. estava ali também, com olhar triste fixo na morta.

— Antonio, em nome de todos os delegados, agradeço por atender ao pedido da Dra. Deborah e preparar seu corpo — disse Paul, com os olhos marejados.

— Delegado, trabalhei com ela em várias ocasiões. Gostava muito dela. Sinto-me honrado com essa incumbência, ainda mais por ter sido citada em carta deixada em sua mesa, como se soubesse que iria morrer — respondeu Antonio.

— É inacreditável! — murmurou Paul.

Antonio suspirou e continuou:

— Precisamos falar mais sobre nossa finitude. As pessoas vivem só para o futuro, esquecem da morte. Ela está mais próxima do que imaginamos. Pode vir de um estresse, de um AVC, de um coração que para sem aviso.

Paul balançou a cabeça e refletiu:

— Mas temos que pensar no futuro. Sem sonhos, sem projetos, não realizamos nada. Nem estudamos para o concurso público.

— Concordo — disse Antonio. — Mas falar da morte nos ensina a viver. Não é sobre o “nunca mais vou te ver”, é sobre mergulhar nos sentimentos. Ainda que eu acredite na espiritualidade e na vida após a morte, a extinção da vida é angustiante. Principalmente quando não há tempo para despedidas, como aconteceu com Deborah.

Antonio prosseguiu, firme:

— Nunca temos tempo para despedidas. Mesmo quando um parente está doente, aceitar a morte gera revolta, culpa. Queremos cura, não uma morte digna. Mas às vezes precisamos aceitar o fim. Não para que o doente descanse, mas para que a família encontre paz. Não falo de eutanásia, mas de conforto — físico, emocional e espiritual. E esses dois últimos quase sempre são esquecidos. Só lembrados quando a morte já chegou, muitas vezes no velório.

O silêncio tomou a sala. Antonio concluiu:

— O luto começa quando o caixão é lacrado. Precisamos decidir sobre a morte enquanto estamos vivos. Não só em testamentos ou diretivas, mas em cuidados emocionais. Lembre-se, Dr. Paul: todos morreremos. Cedo ou tarde. Com dor ou sem ela. Rápido ou lentamente. E ninguém sai ileso desse processo.

Enquanto conversavam, Deborah parecia acolhida. Antonio finalizava a maquiagem, o corpo já preparado para o velório, os órgãos retirados e encaminhados à faculdade de medicina, como era seu desejo.

Mas havia algo estranho. Na sala ao lado da academia de polícia, também acontecia o velório do escrivão Adailton.

Vítima e assassino, lado a lado, separados apenas por uma fina parede de drywall.

Flores discretas e a mãe do escrivão velavam Adailton.

Já o velório de Deborah era elegante, sem lamentos, apenas gratidão. Padre Aparecido conduzia a missa, cercado por moradores do bairro que ela havia protegido.

Deborah partiu em paz. Aceitou sua morte e, de forma serena, acompanhou a preparação de seu corpo e a destinação de seus órgãos, ajudando futuros médicos a aprender.

Seu corpo se tornaria cinzas. O delegado Paul se encarregaria de lançá-las ao mar.

E você, leitor: já organizou sua vida para a morte? Pois é, ela chega sem pedir licença... mas dá para deixar tudo bem arrumado antes! Resignifique sua finitude e aproveite para ler meus ebooks jurídicos — escritos com aquele toque sério que o assunto merece, mas sem perder a leveza. Afinal, falar de testamento ou DAV pode parecer sombrio, mas na verdade é um gesto de carinho: facilita (e muito!) a vida de quem fica.

Abraços,

Renata Soltanovitch

@renatasoltanovitch